

O Ensino de Empreendedorismo no Curso de Engenharia de Produção: Um estudo de caso em uma Instituição de Ensino Privada

Rodrigo José de Moraes Vasconcelos (Centro Universitário de Itajubá-FEPI) rivasconcelos@bol.com.br

Gilciara Paula dos Santos (Centro Universitário de Itajubá-FEPI) sgilciara@gmail.com

Danielle Mayumi Campos Tamaki (Centro Universitário de Itajubá-FEPI) daniellemtamaki@gmail.com

Resumo:

O tema empreendedorismo têm se mostrado cada vez mais relevante e diversificado diante da situação econômica do país. Empreender não se resume apenas a abrir seu próprio negócio, mas também saber como lidar diante das dificuldades e oportunidades que surgem no dia a dia. Sendo assim, torna-se extremamente importante que o tema seja abordado de uma forma mais concreta e incentivadora dentro das instituições de ensino superior. Este artigo tem como foco principal investigar, por meio de um estudo de caso, a perspectiva dos alunos do curso de engenharia de produção de uma instituição privada sobre o assunto, qual o grau de interesse dos mesmos, qual o potencial para se tornarem empreendedores e qual foi a porcentagem de contribuição da instituição. Torna-se explícito com a análise que a grande maioria dos alunos julgam ser capazes potencialmente de empreender, mas a abordagem que a instituição oferece não está contribuindo de forma satisfatória para que os mesmos sigam este caminho. Fica evidente que deve haver uma reformulação na disposição de conhecimento e práticas para que mais recursos e incentivos sejam disponibilizados.

Palavras-chave: Empreendedorismo, engenharia de produção, ensino, instituição privada

The Teaching of Entrepreneurship in the Course of Production Engineering: A case study in a Private Education Institution

Abstract

The theme of entrepreneurship has been increasingly relevant and diversified in the face of the country's economic situation. Entrepreneurship is not just about opening your own business, but also knowing how to deal with the difficulties and opportunities that arise from day to day. Therefore, it is extremely important that the topic be approached in a more concrete and supportive way within higher education institutions. This article has as main focus to investigate, through a case study, the perspective of the students of the production engineering course of a private institution on the subject, the degree of interest of them, what the potential to become entrepreneurs and what was the contribution percentage of the institution. It becomes explicit with the analysis that the vast majority of students think they are potentially capable of undertaking, but the approach the institution offers is not contributing in a satisfactory way for them to follow this path. It is clear that there should be a reshaping of the provision of knowledge and practices so that more resources and incentives are made available.

Key-words: Entrepreneurship, production engineering, teaching, private institution

1. Introdução

O termo empreendedor derivado da palavra francesa *entrepreneur* foi pronunciado primeiramente em 1725, pelo economista Richard Cantillon, que o interpretava como um indivíduo que aceita riscos (CHIAVENATO, 2012).

Atualmente, a competitividade e a exigência do mercado estão cada dia maior, não basta somente possuir ensino superior para se tornar um profissional bem-sucedido, mas também dispor de habilidades para solucionar problemas, inovar, enxergar oportunidades para o desenvolvimento da organização e estar constantemente a procura de novos e maiores desafios.

O empreendedorismo é visto, nos dias de hoje, como um grande fenômeno de mudança e crescimento econômico do país. Possuir um espírito empreendedor vai além da criação do próprio negócio, é uma questão de comportamento, o modo de agir, de pensar e a forma de relacionar com as pessoas. Portanto, fica evidente a importância do empreendedorismo dentro das universidades, que devem capacitar os alunos para se tornarem profissionais que saibam lidar com a diversidade do mundo dos negócios.

Partindo deste contexto, verificou-se a necessidade de investigar a percepção dos alunos do curso de engenharia de produção de uma universidade privada sobre o tema empreendedorismo, pois não se possui a informação da gama de conhecimento e interesse dos mesmos, se está sendo eficaz a abordagem do empreendedorismo dentro e fora das salas de aula e se as mesmas são responsáveis por esse déficit. Sendo assim, realizar-se-á um estudo de caso com uma análise de dados, visando obter estas informações, para assim evidenciar a relevância do tema.

2. Referencial Teórico

2.1. Empreendedorismo

2.1.1 Conceitos

O conceito de empreendedorismo para o Gem (2015), consiste em qualquer esforço para iniciar um novo empreendimento, seja uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a amplificação de um empreendimento existente.

Segundo Chiavenato (2007), o empreendedor é aquele que inicia um negócio distinto e inovador ou consegue visualizar uma possível melhoria em algo já existente, buscando colocar em prática a ideia e/ou projeto pessoal e conseguindo administrar os riscos e responsabilidades envolvidas. A definição de empreendedorismo não engloba somente os precursores de empresas e iniciadores de negócios pioneiros, mas também os integrantes de gerações posteriores de empresas familiares que adquirem empresas já existentes de seus iniciadores.

Portanto, ser empreendedor consiste em ter pró-atividade, capacidade de criação para compreender as ideias, ser flexível e criativo para poder adapta-las e transformá-las em oportunidades de negócios, incentivo para analisar conceitualmente e competência para compreender a mudança como oportunidade (LEITE, 2012).

Por fim, na percepção de Baggio A. e Baggio D. (2015), o âmago do empreendedorismo se porta na capacidade de perceber e valer-se do surgimento de oportunidades no ambiente dos negócios, possuindo a predisposição de utilizar-se de recursos nacionais de forma inovadora, no qual eles se desviem do emprego de tradição e estejam dispostos a combinações inéditas.

2.1.2 Empreendedorismo no Brasil

No Brasil, o empreendedorismo só foi introduzido na década de 90, com o acesso do mercado nacional para as importações, onde se fez necessários que os empreendimentos internos se habituassem ao novo cenário. Anteriormente o cenário político e econômico, não eram benéficos, diante disso o indivíduo que queria empreender não obtinha assistência e nem informações para iniciar seu próprio empreendimento. Um fato relevante a se conhecer, é que

muitas pessoas com visão de futuro agiram em um cenário de incertezas, se dedicaram, ainda que sem compreender totalmente os demais assuntos do ramo empresarial (OLIVEIRA, 2012).

Oliveira (2012), ainda destaca que após a economia se abrir para o mercado externo, o governo realizou várias melhorias, moderou a inflação e fez reparos na economia, em um curto período o Brasil se estabilizou, fez planejamentos e se tornou digno de respeito. Ainda nesse período surgiram dois facilitadores para o empreendedor; o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequenas Empresas), que tem a função de informar e dar todo o suporte para a iniciação de uma empresa, e também a SOFTEX (Sociedade Brasileira para Exportação de Software), que contribui impulsionando o desenvolvimento das tecnologias nacionais.

Diversos fatores levam a acreditar que o nível de empreendedorismo de um determinado grupo está diretamente relacionado ao seu nível de desenvolvimento local. O meio social benéfico à criação de novos negócios por meio de regimes e programas apropriados à situação real do empreendedor oferece uma abrangência na cultura empreendedora, da base ao futuro do empreendedor seja no aspecto cultural, educacional e de disponibilidade de patrimônio financeiro e de tecnologia, tornando-se fontes que simplificam o crescimento do empreendedorismo (MARTENS e FREITAS, 2006).

Embora existam obstáculos e desafios a serem enfrentados, o Brasil é um país repleto de empreendedores e de pessoas que querem empreender. Diversos estudos mundiais comparando nações comprovam que o brasileiro é empreendedor. (DORNELAS, 2013). Ao passo que surgem grandes empreendedores, evidencia-se com eles uma possibilidade de crescimento financeiro, cultural e social dos que com ele interagem e trabalham, contribuindo assim para a cidade, o estado e até mesmo no país.

Por meio da busca de dados confiáveis e bem conceituados por aspectos diferenciados a respeito do empreendedorismo, ressalta-se dados da metodologia GEM (Global Entrepreneurship Monitor) que surgiu em 1999, resultado de um estudo combinado entre Babson College e a London Business School, e nos dias de hoje sobressai-se como a mais extensiva anualmente quando se relaciona com empreendedorismo mundial, investigando a função do empreendedorismo no avanço econômico e social.

Dados do relatório da pesquisa GEM (2016), apresentam o potencial empreendedor entre oito países. Conforme a Tabela 1 esta pesquisa foi feita utilizando um percentual da população de 18 a 64 anos. Compreende-se de forma clara que Brasil e China são países que possuem maior potencial de empreendedores, isto é, da população adulta entre 18 e 64 anos, cerca de mais de um quarto tem a intenção de iniciar um novo empreendimento nos próximos três anos. Outrossim, o interesse de empreender não aparenta estar ligado com as distintas situações econômicas dos países.

Fatores	Taxa de potenciais empreendedores
Brasil	28,1
África do Sul	12,4
Alemanha	8,1
China	26,4
Estados Unidos	16,4
Índia	19,7
México	16,1
Rússia	5,0

Fonte: Adaptado de GEM (2015)

Tabela 1: Taxa de potenciais empreendedores – Países selecionados – 2016

Torna-se evidente que entre países em ascensão, existem também aqueles com menor veemência empreendedora, citando como exemplo a Rússia com 5% apenas da população adulta com intuito de fundar um novo empreendimento em curto prazo; já em países de nível médio como o México com 16,1%, similar aos Estados Unidos com 16,4%, e o Brasil destacando-se com um potencial empreendedor elevado e alcançando uma taxa de 28%. (GEM, 2016)

2.1.3 Ensino de empreendedorismo nas Universidades Privadas

Dolabela (2006) apresenta dez motivos que justificam a importância de haver o ensino de empreendedorismo nas universidades e por meio deste fica evidenciado a relevância da preocupação de que os alunos saiam profissionais capacitados e que possuem o espírito empreendedor, sendo:

- Motivo 1: O surgimento de novas empresas é fundamental para o desenvolvimento da sociedade e da economia. Alguns se destacam por conseguir se sobressair sem um apoio devido, enquanto vários desistem de forma supérflua. Existe ainda o alto nível de mortalidade precoce de empresas no mundo das empresas emergentes, com taxa de aproximadamente 99% relacionadas com pequenas empresas.
- Motivo 2: Está se evidenciando cada vez mais mudanças nas relações de trabalho. O trabalho tradicional é substituído por novos métodos de parceria e colaboração. As instituições privadas são carentes de funcionários que enxerguem como um todo o processo e sejam capazes de visualizar e adequar as necessidades do cliente. O tradicional método de ensino, onde busca-se formar profissionais em nível médio e superior apenas, torna-se obsoleto diante da economia do mundo.
- Motivo 3: Torna-se essencial que as empresas disponham de funcionários que se destaquem pelo espírito empreendedor, consigam destacar chances de negócio e possuam a capacidade de “sair das ideias” e alcançar a prática, visando atender as necessidades dos clientes.
- Motivo 4: O método de ensino atual não se faz mais eficaz para formação e desenvolvimentos de empreendedores.
- Motivo 5: Os estabelecimentos de ensino encontram-se distantes dos “sistemas de suporte”, o que se torna preocupante, pois os empreendedores em crescimento são dependentes do sistema para subsistir. A troca de informações que envolve o estabelecimento de ensino e empresas ainda são insuficientes no país.
- Motivo 6: A sapiência e os princípios do ensino no Brasil não se direcionam para o empreendedorismo.
- Motivo 7: O discernimento da relevância da Pequena e Média Empresa para uma ascendência econômica ainda persiste como módica.
- Motivo 8: Não é disposto o costume de referenciar a devida importância para as pequenas empresas. A ideia da “grande empresa”, continua predominante na metodologia de ensino. A cultura da “grande empresa”, que predomina no ensino. Não há o hábito de abordar a pequena empresa. São minorias os cursos que se voltam para a administração de grandes empresas.
- Motivo 9: Os princípios morais surgem como evidente cuidado no ensino do empreendedorismo e revelam-se como características que permeiem tarefas do empreendedor. Por meio da relevância que impõe diante da sociedade, é essencial que os empreendedores possuam um “norte” para seguir sem infringir em valores.
- Motivo 10: Os direitos e deveres do empreendedor devem estar incorporados, e um alto nível de disposição com o meio ambiente e a biocenose deve estar arraigado com a consciência. Essas abordagens são ótimas para discussão nos ambientes de ensino.

2.2. Engenharia de Produção

Com o surgimento da Engenharia Industrial no início século XX, houve a introdução do conceito de Engenharia de Produção, através dos precursores Frank Gilbreth e Frederick Taylor, que elaboraram estudos sobre o crescimento produtivo e a metodologia para diminuição de times e a movimentação dos operários no chão de fábrica. Mesmo Taylor sendo engenheiro era considerado o pai da administração. As metodologias criadas por Taylor foram mais tarde utilizadas por Henry Ford em suas indústrias de automóvel em grandes proporções, ele deu início à sistemática da produção em massa por meio da ideia de produção seriada, diminuindo os gastos de produção, aumentando os índices de produtividade e primordialmente os lucros. Contudo, em meados do século passado, as organizações que se utilizavam da produção em massa, sofreram algumas mudanças, essencialmente por modificações sofridas no mercado exterior. Tal fato visualizou-se a necessidade de profissionais com características peculiares a nova realidade, pois ocorreu uma melhoria contínua nos procedimentos das empresas. (FURLANETTO, NETO e NEVES, 2006).

Além disso, os autores Furlanetto, Neto e Neves (2006) ressaltam que neste contexto o engenheiro de produção apresenta-se como uma peça chave, tendo em vista outros profissionais da área, o que melhor representa em sua totalidade competência técnica, englobando os diversos campos como: produção, economia, qualidade, estratégia organizacional, meio ambiente, pesquisa operacional, ergonomia, segurança do trabalho e também gestão das organizações, que são áreas relacionadas à habilitação e exercício do profissional de engenharia de produção.

Sendo assim, a Engenharia de Produção é capaz de oferecer uma formação plena e também de ser uma capacitação específica proveniente de alguns dos grandes campos da engenharia. (FURLANETTO, NETO e NEVES, 2006).

2.2.1 Perfil do Engenheiro de Produção

É possível definir o perfil almejado pelo engenheiro de produção de acordo com seu preparo técnico e sua maneira de agir no âmbito da sua empresa ou instituição. Tecnicamente ele deve ser qualificado para trabalhar na organização devendo desempenhar atividades de produção, com isso ganhando treinamento em estratégias de gestão e experiências de maximização da produção. Sobre sua conduta de atuação, deve ser munido, sobretudo para se portar como um profissional apto para determinar a conexão entre as áreas atuáveis justamente sobre os grupos técnicos e entre essas e a administração da empresa (CUNHA, 2002).

Ainda para Cunha (2002), este perfil específico como profissional tem se tornado alvo muito buscado pelas empresas pela sua habilitação mesclada gerencial-técnica. Embora na perspectiva vocacional, há uma separação com relação ao vínculo do iniciante nas áreas de domínio tradicional da Engenharia, uma vez que se requer do candidato aos cursos de Engenharia de Produção proveito, percepção e vocação que se enquadre com temas gerenciais, contudo sem abandonar o fascínio em temas da área dos grupos específicos. Juntamente, se ver necessário uma propensão ao “solucionador de problemas”, particular do engenheiro.

As demandas para que se estabeleçam as atribuições primordiais ao desempenhar a tarefa de engenheiro, e mais precisamente de engenheiro de produção, se dá tanto pelas indústrias como pelas Instituições de Ensino Superior (IES). Nas industriais esta demanda é pressionada pela procura por distintas habilidades competitivas de qualidade e produtividade. E nas IES, pelo

fato de o perfil do profissional da área ser de responsabilidades dos mesmos, na qualidade de moderadores de aprendizagens e formadores de aptidões (BORCHARDT, *et al.* 2009).

2.2.2 Ensino do empreendedorismo no curso de Engenharia de Produção

Ser visto como empreendedor não é tarefa fácil. Levando em conta pessoas que acreditam ser tarefa fácil abrir uma empresa sem uma planificação, arrisca-se com grandes probabilidades de não alcançar grandes resultados ou ir muito adiante. Ao passo que os jovens não estão recebendo uma educação mais concreta sobre o empreendedorismo, as instituições estão se preocupando cada vez mais em difundir este conhecimento, onde se enquadra a relevância do educador (HISRICH, PETERS, 2004).

Ainda assim, para Hisrich e Peters (2004), com a multinacionalização, a didática passa a se tornar um dos elementos que compõem o alicerce para a estruturação de um país desenvolvido. Nestes países a didática é voltada para o progresso pessoal e introduz nos lecionando traços fundamentais para o aperfeiçoamento profissional. Corporações disponibilizam para os seus empregados reciclagens, tendo em vista o mercado se portar de maneira cada vez mais disputado.

A atribuição do empreendedorismo engloba muito mais do que apenas crescimento na produção e na renda per capita, engloba também dar início à reestruturação de mudanças na organização do empreendimento e da comunidade. Essa mudança ocorre juntamente com um aprimoramento e por uma maior produtividade, o que concede que mais recurso seja repartido pelos vários integrantes.

3. Metodologia

Dentre os diversos tipos de metodologias existentes, tais como: pesquisa bibliográfica, estudo de caso, pesquisa experimental, pesquisa-ação. Utilizou-se neste trabalho o estudo de caso que se constitui em uma pesquisa descritiva e exploratória orientada a compreender certo fenômeno e/ou comportamento.

Para Gil (2009), os estudos de caso pleiteiam a atuação do investigador desde a preparação para o estudo até a análise e a compreensão do material coletado. Portanto requerem do investigador, habilidades para a preparação do estudo, coordenar os questionários aplicados e as observações, avaliar e compreender o material, obter e elaborar a descrição detalhada da pesquisa.

Independente da área em que se deseja desenvolver a pesquisa, o que torna necessária a utilização do estudo de caso é a vontade de compreender os eventos complexos da sociedade. Em suma, este método de pesquisa possibilita que os pesquisadores atentem em um contexto e conservem uma concepção abrangente e do mundo como ele realmente é, assim como estudar as etapas particulares da vida, a atitude de uma comunidade pequena, sistemas para estruturar e administrar, migração de agrupamentos, o desempenho dentro da instituição de ensino, as conexões exteriores e a expansão industrial (YIN, 2015).

Como salientado no início deste trabalho, trata-se de uma análise da percepção dos alunos do curso de Engenharia de Produção de uma instituição de ensino privada de Minas Gerais sobre o empreendedorismo.

Por conseguinte, para o desenvolvimento desta pesquisa foram inquiridos dados levantados pela disciplina de empreendedorismo por intermédio de atividades aplicadas em sala de aula. Por meio destes foi realizado uma análise minuciosa transformando os dados em porcentagens de alunos que possuem interesse pelo assunto, os que dispõem da intenção de criar seu próprio negócio e se tornarem empreendedores de sucesso e se o curso de engenharia de produção tem contribuído incentivado e auxiliado a seguir este caminho.

4. Resultados e Discussões

Por meio da análise dos dados, pôde-se apurar que na instituição de ensino superior privada onde a pesquisa foi desenvolvida, a disciplina de empreendedorismo no curso de engenharia de produção é aplicada aos alunos que se encontram no nono período, com a faixa etária entre 20 e 25 anos representa 44%, idade entre 20 e 25 são 31% e entre 26 e 30 anos são 24%. Os dados estão apresentados na Tabela 2 abaixo.

	Não concordo	Concordo	Indiferente
Entusiasmo em se tornar empreendedor	7%	89%	4%
Conhecimento no desenvolvimento de plano de negócios	18%	73%	9%
Criação de uma empresa no futuro	27%	60%	13%
Se tivesse oportunidade e recursos, criaria uma empresa	13%	78%	9%
Incentivo do curso de engenharia de produção a agir de forma empreendedora	49%	29%	22%
O meio universitário por meio de eventos, contatos, palestras, atividades curriculares e extracurriculares foi propício ao empreendedorismo	56%	29%	15%
Envolvimento em trabalhos extracurriculares alusivos ao empreendedorismo disponibilizados pela instituição: Diretório acadêmico, Incubadora de Empresas, entre outros	56%	18%	26%
A disciplina de empreendedorismo foi suficiente para despertar em mim um potencial empreendedor.	60%	20%	20%
Os conhecimentos adquiridos na disciplina de empreendedorismo já foram úteis tanto na vida pessoal quanto profissional.	36%	49%	15%

Fonte: Elaborado pelos autores

Tabela 2 – Dados sobre empreendedorismo

Uma média de 89% dos estudantes que compõem o curso, evidenciam que se tornarem empreendedores após a graduação resultaria em enorme entusiasmo, 7% destes não desenvolvem esse interesse e 4% se mostram indiferentes ao assunto.

Dentre os fatores abordados sobre a aplicação da disciplina de empreendedorismo, frisa-se o desenvolvimento do plano de negócios, no qual 73% dos alunos declaram possuir o conhecimento, uma minoria de 18% não possui este conhecimento; resultado considerado positivo tendo em vista que saber elaborar um bom plano de negócios é essencial para se iniciar um projeto e conhecer a sua viabilidade.

No aspecto de se iniciar uma empresa no futuro cerca de 60% estão pragmáticos, 27% não demonstram essa intenção ou ainda não estão decididos quanto ao futuro e o rumo que deverão seguir exatamente e para apenas 13% é indiferente. Dentre estes, foi observado que cerca de 78% criariam uma empresa apenas se possuísse oportunidades e recursos, 13% mesmo com isso não despertariam interesse em ter seu próprio negócio e 9% se portam de maneira apática.

Outro ponto abordado é sobre o incentivo que a universidade disponibiliza ao empreendedorismo, no qual 29% relatam que ao longo do curso foram incentivados a agir de maneira empreendedora, enquanto que a maior parte deles; 49% não receberam essa motivação e 22% reagem indolentes.

É de grande valia ressaltar que o ambiente universitário foi favorável ao empreendedorismo somente para 29% dos alunos, para uma maioria de 56% o ambiente não está sendo direcionado ou vocacionado ao empreendedorismo e 15% tratam de forma imparcial. Ao longo do curso apenas 18% participaram de atividades relacionadas ao tema, 56% não participaram, pois desconhecem essas iniciativas oferecidas pela instituição e 26% estão indolentes.

Destaca-se ainda, que a disciplina de empreendedorismo foi suficiente para despertar um potencial empreendedor em apenas 20% dos graduandos, 60% discordam que a disciplina contribuiu para despertar o potencial empreendedor e 20% são irresolutos quanto este assunto. Todavia, 49% reconhecem que a disciplina foi útil tanto na vida pessoal quanto profissional, cerca de 36% não concordam com isso e 15% se portam de maneira pusilânime.

5. Conclusões

O foco deste trabalho foi analisar a percepção dos alunos de uma Instituição de Ensino Superior, estabelecida no sul de Minas Gerais sobre o empreendedorismo, investigando se os mesmos possuem a intenção de ser tornarem empreendedores, se a universidade disponibiliza recursos e incentiva o ensino do empreendedorismo sob uma ótica mais concreta e prática. Considerando as variáveis analisadas evidenciou-se que os estudantes que compõem o curso de Engenharia de Produção em sua maioria estão propensos ao empreendedorismo.

Com base nos resultados torna-se perceptível a importância do ensino de Empreendedorismo, como uma forma de promover uma conduta empreendedora nos universitários, intensifica-se a importância de que o ambiente seja favorável e estimulador para desenvolver empreendedores em potencial. Recomenda-se que sejam desenvolvidos na Instituição de ensino em questão projetos que desenvolvam as ideias dos graduandos fornecendo suporte para que elas sejam colocadas em prática, como um exemplo, pode-se citar uma incubadora de empresas ou uma parceria com outras IES da região que possuam este tipo de recurso.

Um fator limitante desta pesquisa é a concentração em um só IES e em alunos que já concluíram a disciplina de empreendedorismo. Sugere-se como melhoria a realização da análise em alunos ingressantes no curso de Engenharia de Produção, pois com isso pode-se alcançar uma maior abrangência, eficácia e facilidade para as próximas gerações de alunos.

Por fim, é de grande valia especular que com uma inclusão de mais incentivos ao empreendedorismo, demonstrar mais importância e desenvolvimento atividades que façam com que os alunos busquem e se articulem para o assunto agrega valor para os cursos, instituição e alunos. Isso fará com que não somente a instituição de ensino fique bem conceituada e renomada, assim como novos alunos visualizem que qualquer um é capaz de empreender, de se tornar importante, fazer a diferença diante da sociedade atual e ser lembrado por algo relevante.

Referências

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. *Empreendedorismo: Conceitos e definições.* Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2015.

BORCHARDT, Miriam; VACCARO, Guilherme Luís Rohe; AZEVEDO, Debora e PONTE JR, Jacinto. *O perfil do engenheiro de produção: a visão de empresas da região metropolitana de Porto Alegre.* Prod.[online]. 2009, vol.19, n.2, pp. 230-248.

CHIAVENATO, Idalberto. *Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor.* 4. ed. – Barueri, SP: Manole, 2012.

CHIAVENATO, Idalberto. *Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas empresas: um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio.* - 2.ed. rev. e atualizada. - São Paulo: Saraiva 2007.

- CUNHA, Gilberto D.** *Um panorama atual da Engenharia de Produção*. Porto Alegre: ABEPRO, 2002.
- DOLABELA, Fernando.** *O segredo de Luísa*, 30. ed. rev. e atual. -- São Paulo: Editora de Cultura, 2006.
- DORNELAS, José.** *Empreendedorismo para Visionários - Desenvolvendo Negócios Inovadores para um Mundo em Transformação*. - 1. ed. - Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- FURLANETTO, Egidio Luiz; NETO, Henri Geraldo Malzac; NEVES, Cleiber Pereira.** *Engenharia de Produção no Brasil: reflexões acerca da atualização dos currículos dos cursos de graduação*. *Revista Gestão Industrial*, v. 2, n. 4, 2006.
- GEM 2016** – *Global Entrepreneurship Monitor: Empreendedorismo no Brasil: 2016* \ Coordenação de Simara Maria de Souza Silveira Greco; diversos autores -- Curitiba: IBQP, 2017. 208 p.: il.
- GEM 2015** – *Global Entrepreneurship Monitor 2015. Relatório Executivo Empreendedorismo no Brasil 2015*. Curitiba: IBPQ, 2015.
- GIL, Antonio Carlos.** *Estudo de Caso - Fundamentação Científica; Subsídios para Coleta e Análise de Dados; Como Redigir o Relatório*. São Paulo: Atlas, 2009.
- HISRICH, Robert; PETERS, Michael.** *Empreendedorismo: 5ª ed.* Porto Alegre: Editora Bookman, 2004.
- LEITE, Emanuel.** *O fenômeno do empreendedorismo*, 1. ed - São Paulo: Saraiva, 2012.
- MARTENS, Cristina Dai Prá; FREITAS, Henrique.** *Influência do ensino de empreendedorismo nas intenções de direcionamento profissional dos estudantes*. *Estudo e Debate*, v. 15, n. 2, p. 71-95, 2008.
- OLIVEIRA, Fabiana Moraes.** *Empreendedorismo: teoria e prática*. *Revista Especialize (IPOG)*. Goiânia/GO, n. 3, p. 1-13, 2012.
- YIN, Robert K.** *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*, 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.